

INFLUÊNCIA GEOAMBIENTAL EM MUDANÇAS DE ATITUDES E ECONÔMICAS NA COLÔNIA WITMARSUM, PARANÁ

Geoenvironmental influence on changes in attitudes and economics in the Witmarsum Settlement, State of Paraná, Southern Brazil

Maria Ângela Ruiz Paccola¹
Mário Sérgio de Melo²

¹Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Diretoria de Ensino da Região de Mogi Mirim

Rua Antonio Rios, 58 - Jardim Brasília - CEP 13.801-049 - Moji Mirim, SP
e-mail angelapaccola@terra.com.br

²Universidade Estadual de Ponta Grossa

Departamento de Geociências

Av. Gal. Carlos Cavalcanti, 4748 - CEP 84.030-900 - Ponta Grossa, PR
e-mail msmelo@uepg.br

RESUMO

A Colônia Witmarsum, situada nos Campos Gerais do Paraná, suscita reflexões acerca da trajetória cultural do povo menonita e de restrições e oportunidades geoambientais. Originalmente agricultores, no Brasil obrigados a dedicar-se à pecuária e culturalmente diferenciados, hoje os menonitas discutem a possibilidade de abrir a colônia para o turismo sustentável (ecoturismo, geoturismo, etnoturismo, turismo rural) como forma de suplementação econômica. Avaliando tal possibilidade, o estudo realizado aborda a questão dos atributos naturais e culturais disponíveis no local, a organização interna e as diretrizes formais para implantação do turismo sustentável. No que se refere aos atributos naturais, dentro das fronteiras da colônia localiza-se pavimento de estrias glaciais da Era Paleozóica, patrimônio já transformado em monumento geológico com infra-estrutura de visitação. Quanto aos atributos culturais, tanto o aspecto social da vida cotidiana quanto as mais organizadas estruturas econômicas da colônia menonita respeitam a orientação religiosa tradicional, sendo esse um traço valorizado e preservado. Tendo em vista as características culturais e geoambientais de Witmarsum o estudo conclui pela possibilidade de se estabelecer uma atividade econômica de pequeno impacto, desde que respeitando os conceitos e procedimentos atuais de preservação ambiental e cultural já praticados na colônia. Tal atividade teria maior possibilidade de êxito econômico, e ao mesmo tempo maiores riscos quanto à identidade cultural da colônia, se integrada a projetos de roteiros turísticos propostos para a região.

Palavras-chave: Menonitas. Turismo sustentável. Transposição cultural.

ABSTRACT

The Witmarsum Settlement, situated in the Campos Gerais Region, State of Paraná, raises reflections concerning the cultural trajectory of the mennonite people and geoenvironmental constraints and opportunities. Originally farming, in Brazil obligated to dedicate to dairy cattle and culturally differentiated, today the mennonites argue the possibility of to open the settlement for sustainable tourism (ecotourism, geotourism, etnotourism, rural tourism) as an economic supplement. Evaluating such possibility, this study discusses the natural and cultural attributes in the location, the internal organization in the settlement and the formal guidelines for sustainable tourism implantation. About the natural attributes, in the settlement territory there are glacial Palaeozoic striation, patrimony already transformed in a geological monument with visitation infrastructure. About the cultural attributes, the mennonite everyday life and economic structures are organized respecting the traditional religious orientation, being this a valorized and preserved cultural aspect. Considering Witmarsum's cultural and geoenvironmental characteristics the study concludes by the viability of a small impact economic activity, since respecting the environmental and cultural preservation concepts and current procedures already practiced in the settlement. Such activity should have larger economic success possibility, and at the same time more risks regarding the colony cultural identity, if integrated to touristic clusters proposed for the region.

Keywords: Mennonites. Sustainable tourism. Cultural transposition.

1 INTRODUÇÃO

A Colônia Witmarsum, no município de Palmeira, Estado do Paraná (Figura 1), surgiu por volta da década de 1950, fundada por alemães menonitas originários da ex-União Soviética. O grupo que se fixou no Brasil é de origem russo-alemã, e professa a religião menonita derivada do ramo anabatista. Os anabatistas foram assim denominados por terem sido rebatizados na idade adulta, durante o período da Reforma Protestante do século XVI.

A área adquirida para ceder espaço à futura colônia, foi comprada junto a uma antiga fazenda de tropeiros existente na região dos Campos Gerais, chamada de Fazenda

Cancela.

De acordo com Bigarella (1968), geograficamente a colônia localiza-se na porção oriental do Segundo Planalto, próxima à Escarpa Devoniana, esta conhecida regionalmente pelas denominações de Serrinha, Serra do Puruã e Serra das Almas.

Witmarsum situa-se sobre área com rochas predominantemente arenosas, da Formação Furnas (arenitos do Siluro-Devoniano) e do Grupo Itararé (arenitos e diamictitos do Permo-Carbonífero). Estas rochas geram solos pobres e rasos, que sustentam vegetação nativa predominante de campos, aptos para a pecuária, mas não para a agricultura.

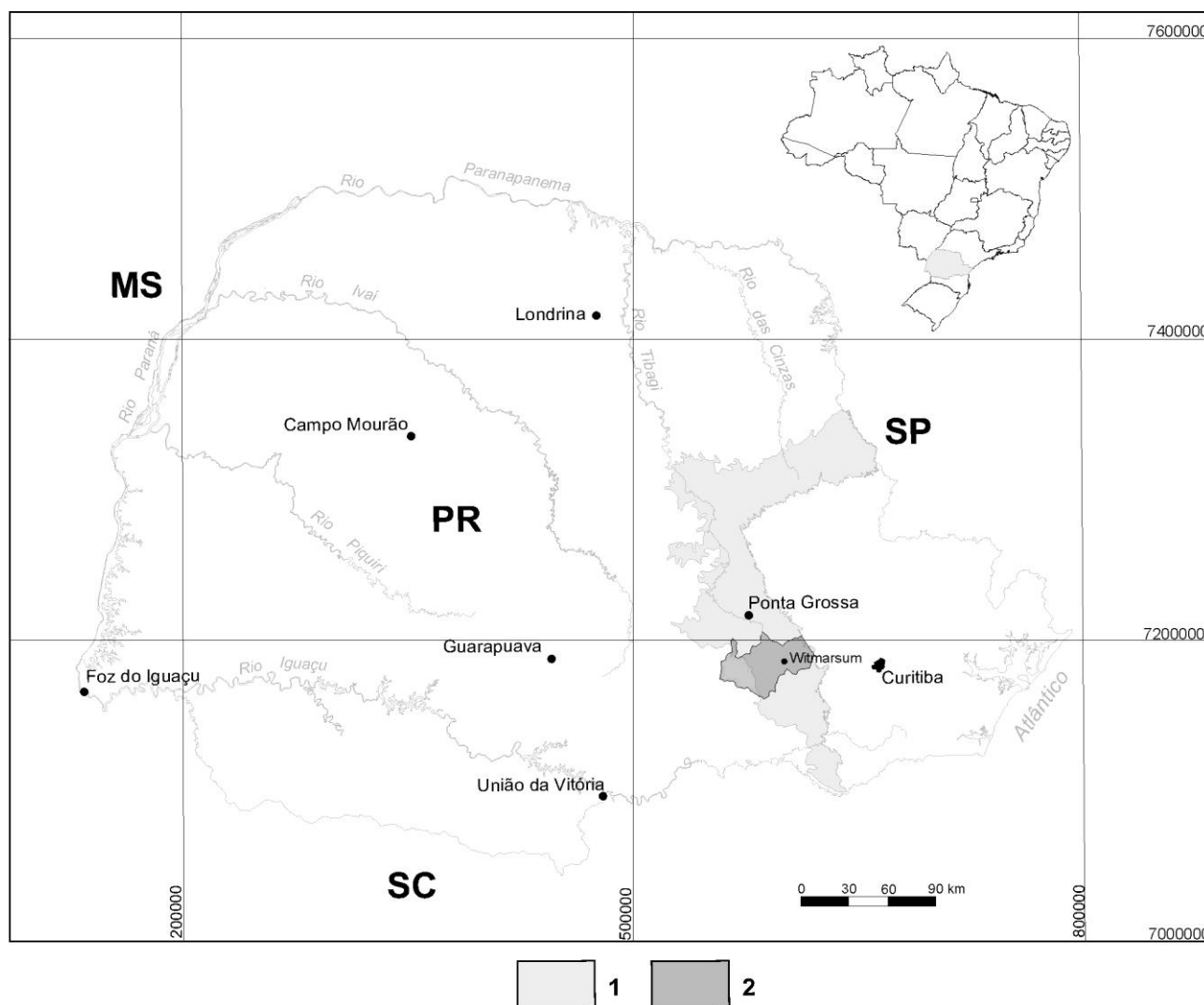


Figura 1: Localização da Colônia Witmarsum no Estado do Paraná. 1) região dos Campos Gerais do Paraná; 2) Município de Palmeira.

Quando os menonitas chegaram ao Brasil na década de 1930, trouxeram consigo as experiências adquiridas na Europa. Esse grupo manteve a sua estrutura econômica centrada na prática agrícola, que sempre esteve vinculada a paisagens ambientadas em regiões temperadas. Como coloca Pauls Júnior (1980), o ambiente era totalmente diferente do encontrado em terras brasileiras. A agricultura desenvolvida na Rússia era praticada em áreas de planícies com solos férteis, transformando-os em prósperos agricultores. No entanto, a experiência que se mostrou eficaz em solo russo, não pôde ser aplicada no Brasil.

O solo brasileiro exigia outro tipo de cultura, a técnica avançada cedeu lugar a ferramentas tradicionais, a agricultura de clima temperado altamente produtiva de trigo transformou-se no roçado tropical de mandioca.

A necessidade de sobrevivência motivou o grupo a buscar formas adequadas e eficientes de adaptação econômica. A história dos Campos Gerais, elucidada pelo Dicionário Histórico e Geográfico (DITZEL; LAMB 2006), demonstrou que essa região prosperou em torno da pecuária. Diante dessa premissa ambiental, os menonitas ao se fixarem no local e iniciarem o processo de fundação de Witmarsum, penderam para a prática da criação de gado leiteiro.

A despeito de dificuldades em consequência das limitações dos solos e das diferenças entre as novas práticas rurais e aquelas utilizadas no país de origem, há possibilidade de utilizar o território da colônia de forma racional e equilibrada, aproveitando-o para a prática turística, como alguns moradores já o fazem.

A perspectiva da adoção do turismo como uma atividade econômica eficaz é decorrente do geoambiente de Witmarsum, que apresenta um sítio geológico (Estrias Glaciais) e outros atrativos, tanto de origem natural, quanto de origem cultural que elevam essa colônia ao cenário nacional, como sendo de um ambiente singular.

São esses os aspectos que serão abordados nas linhas seguintes.

2 O GEOAMBIENTE DE WITMARSUM

2.1 Geologia

2.1.1 Formação Furnas

A Formação Furnas constitui-se basicamente de arenitos de idade Siluriana a Devoniana. Os arenitos que aparecem nessa formação são de granulometrias médias a grossas em camadas com estratificações cruzadas. Esporadicamente aparecem camadas conglomeráticas ou siltico-argilosas. Os arenitos são formados predominantemente por quartzo cimentado por caulinita, sendo raro a presença de feldspato, portanto, o comum é a rocha apresentar a coloração branca.

É possível encontrar afloramentos da Formação Furnas por quase toda a área da colônia de Witmarsum, destacando-se pela coloração clara em contraste com o tom mais avermelhado dos arenitos do Grupo Itararé.

2.1.2 Grupo Itararé

O Grupo Itararé na área de Witmarsum, de acordo com Trosdorf Júnior (2002), compõe-se basicamente de diamictitos e arenitos. Sua origem está ligada aos períodos glaciais e periglaciais pelo qual o Continente Gondwana passou durante o Permo-Carbonífero.

Segundo Bigarella (1968), ocorreram duas glaciações distintas dando origem aos depósitos encontrados em Witmarsum. A glaciação mais antiga é denominada de Rio do Salto e tem seus depósitos localizados a oeste da Colônia, enquanto que a glaciação posterior é denominada de Cancela e ocorreu durante o Carbonífero Superior. As geleiras se dirigiram do sul para o norte, e foi esse avanço que provocou as superfícies estriadas.

A deposição do Grupo Itararé é decorrente de processos flúvio-glaciais, glacio-marinhos e marinhos provocados pelo derretimento das geleiras que se acumularam sobre o Continente Gondwana, em sua porção sul.

2.1.3 Pavimento Estriado de Witmarsum

O mais conhecido pavimento estriado do flanco sul do Arco de Ponta Grossa (Figura 2) localiza-se na Colônia Witmarsum, ao fundo da Cooperativa Agrícola, na margem esquerda da estrada que se dirige do centro comercial da colônia para a Igreja Evangélica Menonita (Figura 2). O local há tempos é mencionado na literatura geológica (v.g. FUCK, 1966, BIGARELLA; SALAMUNI; FUCK, 1967) e atualmente conta com sinalização nas rodovias próximas, infraestrutura de visitação e painel explicativo implantados pela Mineropar - Minerais do Paraná S.A. - em parceria com universidades e outras instituições.

Além desse pavimento, outro afloramento foi identificado na Fazenda Schroeder. O que prevalece de comum nos locais de ocorrência dos diamictitos e arenitos é a presença de sulcos (maiores) e estrias. No afloramento ao fundo da cooperativa, os sulcos são abundantes e aparecem em maior proporção, sendo que as estrias formam-se dentro dos sulcos.

De acordo com Bigarella (1968), as estrias existentes em Witmarsum foram formadas em um único evento erosivo sob a ação do deslocamento das geleiras, sendo depositados em sua superfície diamictitos que as protegeram de erosão subsequente. Tudo indica que nesse pavimento a abrasão foi realizada por uma pressão efetivamente alta em geleira de base quente.

O flanco sul do Arco de Ponta Grossa é visto pela literatura de geologia glacial como uma área de “assembléia”, por reunir pavimentos de abrasão glacial e de deposição conjuntamente. Em Witmarsum, no pavimento estriado, a assembléia é identificada por apresentar erosão em superfície aplainada e estriamento em sedimentos não consolidados. Existem na colônia estrias impressas em rochas tanto da Formação Furnas quanto do Grupo Itararé. Não há consenso sobre o processo formador das estrias, admitindo-se ora geleiras de base seca (BIGARELLA; SALAMUNI; FUCK, 1967; TROSDTORF JÚNIOR, 2002), ora gelo flutuante (VESELY;

ASSINE, 2002).

Uma grande importância dos pavimentos glaciais estriados tais como os de Witmarsum é que eles constituem uma das evidências da hoje consensualmente aceita Teoria da Tectônica de Placas. Com suas bases lançadas em 1912 por Alfred Wegener e inicialmente muito contestadas, a teoria só veio a consolidar-se durante a década de 1960, graças aos avanços tecnológicos pós-segunda guerra e os primeiros satélites artificiais. Wegener relacionou as estrias glaciais como um dos argumentos da deriva dos continentes, e por esse motivo elas têm destacado significado científico e histórico, reconhecido por pesquisadores de todo o mundo.

3 O PATRIMÔNIO CULTURAL EM WITMARSUM

3.1 Histórico

Os colonos de Witmarsum são menonitas, religião que derivou do movimento anabatista iniciado no século XVI. O anabatismo está ligado à Reforma Protestante, embora tenha concepções que o distinguem tanto dos católicos quanto dos próprios protestantes, como salienta Almeida (2004).

De acordo com Dück (2005), o povo menonita surge em decorrência do movimento anabatista iniciado na Suíça em 1525. Um dos líderes desse movimento foi Menno Simons, do qual o termo menonita é derivado. Considerando que a crença menonita inicia-se com o nascimento de Menno Simons, uma das personagens mais importantes do movimento anabatista, é estabelecido o ano de 1496 como o marco histórico para essa nova profissão de fé. Menno Simons nasceu numa pequena aldeia na província de Friesland, em Witmarsum, norte da Holanda, e morreu no dia 31 de janeiro de 1561.

Segundo Minich (1968), os menonitas optaram como postulado seguir o Cristo e não formular artigos de fé ou criar liturgias e sacramentos. Defendiam, em particular, a separação entre Igreja e Estado. Por serem contrários tanto a católicos quanto a protestantes, passaram a ser perseguidos por ambos os credos e iniciaram



Figura 2: O pavimento estriado de Witmarsum. A) vista geral; B) painel orientativo.

uma saga de fuga pelo território europeu.

Minich (1968) coloca que os menonitas emigraram da Suíça para a Holanda e por volta de meados do século XVI, estabeleceram-se no delta do Rio Vístula, em Dantzig na Alemanha, que pertencia à Prússia e hoje é Gdansk na Polônia. Permaneceram nesse local por quase dois séculos e incorporaram elementos da cultura alemã.

Como haviam desenvolvido técnicas agrícolas avançadas, a imperatriz russa Catarina, a Grande, os cooptou para fazerem parte do projeto de povoamento das estepes ucranianas recém adquiridas pela Rússia. Nesse país irão encontrar uma série de privilégios que garantiram a manutenção da identidade menonita alemã, sem ocorrer uma absorção completa da cultura russa, ocorrendo, inclusive, um estreitamento dos laços culturais com a Alemanha, cujo fim único era manter a “preservação da religião e da cultura alemã”.

Na Rússia, os menonitas fundaram colônias fechadas e auto-suficientes. Criaram todos os serviços que garantiram a sobrevivência dos colonos (escolas, cooperativas, hospitais, asilos, orfanatos, fábricas). A autonomia dessas colônias foi assegurada pelo “Privilegium” do czar Paulo I.

Minich (1968) alerta que para assegurarem os privilégios concedidos, os menonitas passaram a constituir uma verdadeira etnia em que se podia reconhecer “um menonita pelo nome de família”. No Brasil, eles mantêm os mesmos nomes que se originaram na Rússia, Alemanha e Holanda.

De acordo com Dück (2005), na Rússia

os menonitas fixaram-se no vale do Rio Dnjepr, fundando duas colônias-mães que tinham aproximadamente 100 aldeias. Essas colônias foram denominadas de Chortiza e Molotschna. Um verdadeiro “Estado dentro do Estado russo”.

Sahr e Löwen-Sahr (2000) dizem que no século XVIII ocorreu a fragmentação da Igreja Menonita em razão de uma disputa teológico-litúrgica. Parte desse conflito foi transportado da Prússia.

Os menonitas etnicamente são descendentes de flamengos e frisões. Sahr e Löwen-Sahr (2000) ressaltam que os flamengos, por serem mais urbanos, defendiam que o líder religioso deveria manter uma relação de igualdade com a comunidade, enquanto que os frisões, sendo mais rurais, defendiam que o líder religioso não deveria ser tratado como igual perante os outros membros da comunidade.

Embora frisões e flamengos vivessem em aldeias diferentes, ocorreu um cisma dentro da Igreja Menonita. Em 1812 formou-se a Igreja Menonita, que defendia um estilo de vida mais austero, e a Igreja Irmãos Menonitas, que defendiam o batismo por imersão somente quando o adepto se julgasse pronto para tal prática.

Encontra-se em Minich (1968) outra referência que pode ser acrescentada ao motivo de dissolução da unidade menonita. Esse autor considera que os desacordos existentes entre os colonos proprietários de terra e os colonos não proprietários, também representaram fator importante para a

compreensão do surgimento de outros segmentos dentro da crença menonita. “Essa divisão profunda entre os menonitas da Rússia, foi transferida para o Novo Mundo, com a emigração para a América do Norte, iniciada em 1874, e para o Brasil e o Paraguai em 1930”.

A partir de 1870 iniciaram a emigração da Rússia, motivados pela falta de terras, por disputas internas sobre a ideologia religiosa e pela adoção de uma nova lei russa que obrigava a prestação do serviço militar. Uma grande corrente migratória formou-se em direção aos Estados Unidos e Canadá.

Em 1917 a Revolução Russa agravou a situação dos menonitas. O regime stalinista de coletivização destruiu a integração socioeconômica. Uma nova corrente migratória se estabeleceu em função da perseguição do governo socialista.

A partir de 1928 tiveram início as migrações para o Canadá, Paraguai e Brasil. No dia 16 de janeiro de 1930, o navio Monte Olívia deixou o Porto de Hamburgo trazendo os primeiros menonitas ao Brasil. Foram 30 famílias, 179 pessoas, 19 dias de viagem. Até 1932 chegariam 1.245 imigrantes menonitas.

Entre 1930 e 1932 instalaram-se em Santa Catarina. A presença de menonitas no Brasil foi resultado da negociação entre os governos alemão, russo e brasileiro. A Sociedade Colonizadora Hanseática intermediou essa negociação e a organização alemã Irmãos em Necessidade (Brüder in Not)

ajudou financeiramente os imigrantes.

Em 1931, começa a transferência de colonos de Santa Catarina para o Paraná. Essa transferência começou a ocorrer devido à limitação geográfica e à dificuldade de estruturação. Segundo Sahr e Löwen-Sahr (2000), o condicionante geográfico para essa dispersão foi a “estreiteza do vale que não permitia uma colonização densa ao longo da estrada, distanciando as casas, o que dificultou bastante o intercâmbio entre os colonos”.

Com a intensificação da crise no sistema agrícola catarinense, ocorre a migração de grupos de menonitas para o Paraná, sendo fundada a Colônia Witmarsum na década de 1950.

De acordo com Minich (1968), desde a fundação de Witmarsum, a organização religiosa da colônia é composta pela Igreja Menonita, Igreja Menonita Evangélica Livre e Igreja Irmãos Menonitas, sendo que os seus membros estão integrados social e economicamente com as comunidades próximas (Figura 3).

3.2 Organização Social dos menonitas no Brasil

O batismo entre os menonitas só é praticado quando a pessoa se sente preparada para aceitar incondicionalmente as bases da doutrina de “Seguir o Cristo”, que ocorrerá por volta dos 20 anos de idade.



Figura 3: Igrejas Menonitas na Colônia Witmarsum: A) Igreja Evangélica Menonita; B) Igreja Evangélica Irmãos Menonitas.

Em Witmarsum há indivíduos que não pertencem a nenhuma das igrejas menonitas. No entanto, isso não os impede de serem crentes. Minich (1968) diz que os motivos que levariam uma pessoa a não ser filiada são o reconhecimento de falhas nas igrejas e a aceitação dentro do grupo étnico mesmo não pertencendo a um segmento religioso menonita.

Os não-filiados não procuram outros credos religiosos, permanecendo fiéis ao conceito de preservação da cultura alemã. O ingresso em uma igreja de língua portuguesa representaria a perda dessa identidade, por ameaçar a quebra em uma das mais consolidadas formas de congregação dos laços culturais: a língua.

Alguns traços culturais mantidos pelos menonitas em território russo foram modificados em ambiente brasileiro. Algumas dessas mudanças são secundárias, como por exemplo, “a diminuição do tempo dedicado ao culto, as roupas modernas, o cabelo curto, o uso de adornos pelas mulheres, maior preparação acadêmica dos líderes das igrejas, a mudança de arquitetura de seus templos e o uso individual na Santa Ceia”; algumas mudanças são mais significativas, por envolver a estrutura de organização da igreja e da própria sociedade.

Na Rússia os menonitas mantinham uma organização social mais autoritária e rígida. Para a liderança social era escolhido um oficial eclesiástico, o “Oberschultze”, que tinha poderes inclusive de aplicar castigos físicos. No Brasil é escolhido o “Siedlungsleiter”, ou seja, o líder da colônia, que embora seja filiado a uma das igrejas, não é um clérigo. Em Witmarsum esse cargo é ocupado pelo Presidente da Associação Comunitária dos Moradores Proprietários de Witmarsum, que atualmente (setembro/2008) é o senhor Heinz Egon Philippsen, e, segundo o mesmo, o mandato para exercer essa função é de dois anos com a possibilidade de uma reeleição.

Não é adotado também o Aeltester. As comunidades menonitas brasileiras são poucas, não sendo necessário a presença de um ministro supervisor que mantenha a visitação e

integração dessas sociedades, como ocorria nas numerosas e esparsas colônias russas.

Outra mudança é em relação à prestação do serviço militar. Na Rússia havia o privilégio de não-obrigatoriedade, quando esse privilégio foi perdido em 1870, “os menonitas inauguraram um programa alternativo de serviços, o serviço florestal na paz e o serviço médico em tempo de guerra. Todos esses serviços foram financiados pelos próprios menonitas e, somente em 1917, custaram mais de três milhões de rublos”. No Brasil, o serviço militar é obrigatório e a princípio, o não alistamento implicava na perda dos direitos civis, o que levou os menonitas a aceitarem essa nova diretriz na vida social e religiosa da colônia.

4 PERSPECTIVA DO TURISMO

4.1 Geoparque

Com o avanço dos estudos para preservação de áreas de interesse da humanidade, a idéia de conservação ampliou-se e tornou-se mais complexa e completa. Englobando uma conceituação distinta, a Unesco (2008) considera que Geoparque seja:

- a) uma área com limites definidos, envolvendo um número de sítios do patrimônio geológico-paleontológico de especial importância científica, raridade ou beleza, não apenas por razões geológicas, mas também em virtude de seu valor arqueológico, ecológico, histórico e cultural;
- b) em princípio, um território (paisagem) que é suficientemente grande para gerar atividade econômica – notadamente através do turismo; pequenos afloramentos, mesmo tendo importância científica, normalmente não têm esse potencial;
- c) tenha normalmente tamanho suficiente para abarcar um número de pequenos sítios (geossítios) que, tomados em conjunto, mostram feições geológicas importantes, raridade de beleza, não precisando ter unicamente significado geológico-paleontológico; aspectos arqueológicos,

ecológicos, históricos ou culturais podem também representar e devem ser vistos como importantes componentes de um Geoparque;

- d) terrenos que são de interesse geológico-paleontológico (arqueológico e biológico), mas que não têm público permanente, ou localizam-se em áreas muito remotas para gerar atividade econômica, não deveriam servir normalmente como Geoparques; o conceito de Geoparque é elaborado para relacionar as pessoas com o seu ambiente geológico-paleontológico e geomorfológico, essa caracterização pode mudar com a evolução sócio-econômica da região no tempo;
- e) local de provimento de educação ambiental, treinamento e desenvolvimento de pesquisa científica nas várias disciplinas das Ciências da Terra, e de destaque ao ambiente natural e às políticas de desenvolvimento sustentável;
- f) proposição por autoridades públicas, comunidades locais e interesses privados em conjunto;
- g) parte de uma rede global (International Network of Geoparks), que demonstre e compartilhe as melhores práticas com respeito à conservação do patrimônio da Terra e a sua integração em estratégias de desenvolvimento sustentável.

A Unesco mantém uma convenção para proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, em que estão participando 111 Estados-parte, entre os quais o Brasil é um dos signatários.

De acordo com esta convenção, cada Estado-parte se empenha em (UNESCO, 2008):

- a) manter sob a sua custódia para o resto da humanidade aquelas partes, tanto naturais como culturais, do Patrimônio Mundial;
- b) estimular a comunidade internacional em assumir o compromisso de apoiar qualquer nação na prática dessa responsabilidade, se os seus próprios recursos são insuficientes;
- c) prover a humanidade no exercício do mesmo senso de responsabilidade para com as obras da natureza, como para as obras de suas próprias mãos.

De uma forma geral, o objetivo de criação de um Geoparque visa ao mesmo

tempo, garantir a proteção de áreas naturais, bem como, empreender atividades que auxiliem na sustentação econômica da população local através, por exemplo, do setor turístico.

De acordo com a Unesco (2008), para identificação de um Geoparque, este deve apresentar “uma área suficientemente grande para incluir diversos sítios que podem ser seguidos e visitados através de roteiros definidos que, tomados em conjunto, mostram registros importantes da história geológica da região e/ou do planeta ou beleza cênica excepcional, podendo incluir aspectos arqueológicos, ecológicos, históricos ou culturais”

No esforço de garantir a preservação e conservação dos patrimônios naturais do país, foi aceito em setembro de 2006, em Belfast, Reino Unido, no encontro técnico dos coordenadores da Rede Mundial de Geoparques da Unesco, a Chapada do Araripe como o primeiro geoparque do Hemisfério Sul. A área faz parte de uma lista de 57 parques de reconhecida importância para a proteção especial de riquezas geológicas e paleontológicas.

Apesar de o Brasil contar com apenas um Geoparque inscrito na Rede Mundial da Unesco, outras áreas têm sido estudadas, entre elas, a região dos Campos Gerais no Estado do Paraná (GUIMARÃES et al., 2008).

A preocupação demonstrada pelo país com relação à conservação ambiental e criação de Geoparques é evidenciada através de feitos como a Declaração de Aracaju, proposta apresentada pelo “Simpósio 17 – Geoconservação e Geoturismo: Uma Nova Perspectiva para o Patrimônio Natural” e aprovada pela Assembléia Geral da Sociedade Brasileira de Geologia, durante o XLIII Congresso Brasileiro de Geologia em Setembro de 2006, e a Carta de Bagé confeccionada no Seminário Semana do Patrimônio – Cultura e Memória na Fronteira em Agosto de 2007.

O objetivo ao se criar um Geoparque é preservar a história geológica da Terra para que essa possa ser repassada às gerações futuras. Junto à importância geológica, soma-

se a importância cultural da área delimitada, sendo que, um Geoparque quando não estiver funcionando a serviço da população local deixa de ser reconhecido mundialmente como tal.

Sobre a delimitação territorial de um Geoparque encontra-se em Boggiani (2007) a seguinte afirmação:

A delimitação da área de um geoparque não implica na desapropriação dessa área e, muito menos, na colocação de cercas ou marcos topográficos. A delimitação é virtual e tem por objetivo reunir os geotopos [...]. O geoparque, portanto, vem a ser uma rede de geotopos, integrada ou não através de roteiros geológicos e turísticos, através dos quais (...), são agregados valores ecológicos, arqueológicos, históricos, culturais e de lazer.

Nesse contexto, pode-se aventar a possibilidade de inclusão da Colônia Witmarsum como sendo um geotopo integrado a uma área maior que é a região dos Campos Gerais. O pavimento estriado e a riqueza cultural constituiriam os recursos naturais e culturais da colônia que justificariam tal evento.

4.2 Os monumentos geológicos na área de Witmarsum

Geograficamente Witmarsum está muito próxima ao Parque Estadual de Vila Velha (PEVV) que constitui uma importante área turística, científica e educacional. Essa proximidade com um parque já constituído reforça a possibilidade de Witmarsum vir a constituir um Geotopo do Geoparque dos Campos Gerais.

Witmarsum assenta-se sobre rochas da Formação Furnas e do Grupo Itararé que estiveram sujeitas a ocorrências geológicas que impuseram ao local feições únicas, que podem ser reconhecidas como de grande valor natural, científico, histórico e educacional. Por exemplo, o pavimento estriado, que embora seja o monumento mais conhecido, não é necessariamente o único. Trosdtorf Júnior (2002) menciona outro afloramento localizado

nas proximidades da Fazenda Schroeder. Neste local, não tão referenciado pela literatura, há uma complexa presença de falhas reversas cortando a Formação Furnas, que se acavala sobre arenitos do Grupo Itararé. Existem outros afloramentos com interesse geológico dentro da colônia, mostrando estrias e deformações glaciais e feições de relevos de exceção.

Além dos dois pavimentos, a colônia possui grutas que podem atrair visitantes adotando-se práticas ecoturísticas. A área como um todo guarda uma riqueza inestimável: a possibilidade de se recontar parte da evolução geológica dos continentes.

4.3 Os monumentos culturais de Witmarsum

O Museu de Witmarsum representa atualmente o único patrimônio cultural tombado da colônia. Suas edificações ocupam o prédio da antiga sede da Fazenda Cancela, preservando ainda a sua arquitetura original. A pedido da própria colônia, foi tombado em 15 de setembro de 1989, junto à Coordenadoria do Patrimônio Cultural do Estado do Paraná. A concessão do tombamento pode ser encontrada na página 304 do Livro Tombo.

Simbolicamente a antiga sede da Fazenda Cancela representa o marco de formação da colônia. Foi onde tudo começou e a partir de onde tudo prosperou. Tanto a parte externa quanto a parte interna do prédio são mantidos conservados. O museu está localizado no Stadplatz, ou seja, no centro comercial de Witmarsum, junto com as outras instituições de uso coletivo, como o hospital, a escola e a igreja.

Os objetos em exposição registram a trajetória do povo menonita desde a Rússia até o estabelecimento do grupo no Brasil. O mobiliário ainda é remanescente do tempo do senador Glasser, antigo proprietário da fazenda Cancela. A única mudança visível consiste na entrada, que atualmente é feita pela parte dos fundos da propriedade (Figura 4).



Figura 4: Museu de Witmarsum: A) entrada atual, correspondente aos fundos da antiga Fazenda Cancela; B) fundos do museu, correspondente à frente da antiga Fazenda Cancela.

4.4 Turismo cultural e ecoturismo: diretrizes para o desenvolvimento sustentável

A conscientização mundial a respeito da conservação do meio ambiente tem atingido um número cada vez maior de pessoas. A opinião pública, influenciada pela mídia e por novas descobertas científicas, tem experimentado um desejo de manifestar-se a favor da natureza, procurando agir de forma a cooperar com a preservação ambiental.

Essa tendência mundial também tem sido acompanhada pelo turismo. Discute-se atualmente a idéia de Ecoturismo, cuja preocupação inicial é harmonizar-se com o desenvolvimento sustentável.

Desde a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano promovida pela ONU em Estocolmo (Suécia) no ano de 1972, a idéia de desenvolvimento sustentável tem sido discutida. De acordo com as diretrizes estabelecidas por essa Conferência, o conceito de desenvolvimento sustentável consiste em um balanço entre o crescimento econômico e o progresso social com a proteção e conservação do meio ambiente e dos recursos naturais. Esse conceito foi ampliado na Conferência de Johannesburg 2002, em que se incluiu o imperativo de promoção da justiça social e de combate à pobreza. Seguindo essa concepção, Robinson e Picard (2006) avaliaram que a cultura e o turismo são importantes componentes do desenvolvimento.

A Conferência de Johannesburg entendeu que as prioridades dos países subdesenvolvidos devam ser a diminuição da pobreza, a garantia dos direitos humanos, a manutenção da estabilidade política e social, a adoção da democracia e a contenção da degradação ambiental.

Robinson e Picard (2006) discutem a possibilidade de o turismo amenizar os índices de dificuldades apresentados pelos países subdesenvolvidos. Esses autores levantam quatro pontos-chave a respeito desse assunto: os conceitos de cultura (e patrimônio), turismo e desenvolvimento; os problemas e oportunidades relativas a utilizar o turismo cultural como um foco e mecanismo para alavancar o desenvolvimento econômico; o potencial de o turismo cultural estabelecer um diálogo entre as diferentes culturas mundiais; e o papel do turismo cultural nos trabalhos de proteção do meio ambiente e da biodiversidade.

Posey (apud ROBINSON; PICARD, 2006) ao analisar o contexto turístico, considera que o termo natural normalmente é controverso, variando de compreensões altamente espirituais a conceitos mais restritos de algumas ciências que têm a natureza por objeto de estudo.

É possível, portanto, utilizar o natural para definirmos os espaços primitivos que se mantêm intactos à ação humana, para os espaços culturais autênticos, para os espaços de procriação e para os espaços religiosos.

No mesmo contexto de Posey (2006,

apud ROBINSON; PICARD, 2006), Graburn (1989) e Cohen (1992), relacionam o espaço natural com o espaço humanizado (cultural), concedendo ao primeiro, a idéia de um local que retrata o paraíso e a inocência. O turismo foi visto como uma forma de peregrinação moderna a esses ambientes paradisíacos e míticos. A natureza, neste sentido, é interpretada como sendo ao mesmo tempo, um espaço geográfico e metafórico, altamente significativa à existência social de indivíduos, grupos e comunidades.

Embora essas concepções de natural sejam controversas, elas são mais abrangentes e permitem a inclusão de definições de natureza como algo capaz de ser transformado ou processado como resultado da ação humana. Robinson e Picard (2006) exemplificam esse conceito com a prática cultural de ajardinar, o uso de material natural ou orgânico na construção e decoração de residências, na fabricação de produtos cosméticos ou na preparação de comidas. Essa idéia de natural é pertinente dentro do conceito mais amplo de turismo.

Realmente, espaços naturais, até mesmo os mais primitivos, não existem por si, são o resultado de uma aproximação humana selecionando, moldando e transformando o natural, tornando-o acessível à visita. O natural é uma classificação humana.

No contexto atual, uma série de consequências relacionadas à aceleração da globalização, em particular o aquecimento global, a poluição industrial e doméstica, a urbanização e a mobilidade aumentada de espécies e sementes devido à prática agrícola, e em alguns casos, o reflorestamento com exóticas, representam ameaças sérias a muitos ambientes naturais, em particular a esses que evoluíram em áreas isoladas do mundo e criaram espécies endêmicas e cadeias alimentícias.

Dentro desses espaços, o turismo de massa promove impactos muito nocivos, alterando o meio ambiente. Honey (1999) chega a colocar que o turismo pode transportar protozoários que levam à destruição das espécies das áreas visitadas.

Dentro da atividade turística, não resta

dúvida que a vertente que mais evidencia a preocupação com a conservação ambiental é o ecoturismo.

Segundo Honey (1999), o turismo de massa, por décadas, esteve associado aos quatro “S’s: *Sun, Sea, Sand and Sex* (sol, mar, areia e sexo)”. O ecoturismo procura dissociar-se justamente dessa alcunha.

A Declaração de Manila para o Turismo Mundial, realizada em 1980, diz que o turismo faz mais mal que bem para a população e para as sociedades do Terceiro Mundo.

O ecoturismo surge como alternativa para atenuar os impactos causados pelo turismo de massa. Essa atividade turística começou a ser praticada, no âmbito da modernidade, entre as décadas de 1970 e 1980, sendo que, nesse período a sua definição freqüentemente estava associada com responsabilidade, sustentabilidade, conservação ou turismo de baixo impacto. O ecoturismo sempre envolvia (e envolve) visitas para áreas que estão sob alguma forma de proteção ambiental por governantes, de conservação por organizações científicas ou donos privados e empresários.

No histórico do ecoturismo podemos encontrar vestígios de sua prática desde a Antiguidade Clássica, quando gregos e romanos, em férias, procuravam locais de banhos termais e exploravam lugares exóticos ao redor da Europa e da região do Mediterrâneo.

Na década de 1960, repercute no mundo a sensibilidade para com a natureza, surgindo a idéia de turismo responsável. Hetzer (1965 apud HONEY, 1999) considera-se responsável pelo termo e ele mesmo identificará os quatro princípios básicos para esse tipo de turismo:

1. Respeitar as culturas locais
2. Minimizar impactos ambientais
3. Maximizar a satisfação do visitante
4. Maximizar os benefícios para as comunidades locais (HETZER, 1965 apud HONEY, 1999)

Em Honey (1999, p.25) encontra-se a referência do que a TIES (Sociedade

Internacional de Ecoturismo) considera como a definição correta de ecoturismo:

Ecoturismo envolve viagens a áreas conservadas, frágeis e em geral protegidas, com o compromisso de serem de mínimo impacto e (usualmente) em grupos pequenos. O ecoturismo incentiva a educação do viajante, recursos para a preservação, direciona benefícios para o desenvolvimento econômico e fortalecimento político das comunidades locais e promove o respeito por culturas diferentes e pelos direitos humanos.

Soifer (2005) inclusive trata o tema como “Ecovimento” exortando que esse novo vocábulo expressa a idéia de “desenvolvimento sustentado e ecologicamente correto”.

Ao serem analisadas as diretrizes conceituais defendidas pela TIES, percebe-se que, de certa forma, estas entram em confronto com a idéia capitalista de turismo, pois o turismo deixa de ser uma atividade econômica pura e simples e passa a assumir um papel de responsabilidade ecológica e social.

4.5 Geoturismo

O geoturismo configura-se atualmente como uma importante segmentação da atividade turística. A *National Geographic Society* o entende como sendo o turismo sustentado nas características geográficas de um lugar, seu patrimônio ambiental, cultural e estético, além do bem estar das populações envolvidas.

O geoturismo está associado ao ecoturismo devido o tipo de prática e eventos turísticos que se desenrolam, já que o objetivo é conhecer e interagir com a paisagem da área visitada, independente do seu valor estético. O que se busca com o geoturismo é a qualidade do turismo realizado, é o conhecimento que ele irá garantir e os benefícios que poderá proporcionar à população do local que está recebendo fluxo geoturístico.

Hose (1997) considera que geoturismo é “a atividade de prover subsídios que possibilitem aos turistas adquirir o

conhecimento necessário para compreender a geologia e geomorfologia de um local além da apreciação de sua beleza cênica”. Há outra proposta mais recente adotada pela *Travel Industry Association of América* que considera que é o turismo que destaca e valoriza as características geográficas de um determinado local, incluindo o espaço natural e o humano, preocupando-se inclusive com a qualidade de vida e o bem estar da população anfitriã.

A partir das duas definições acredita-se que o geoturismo prepara-se para explorar de forma racional os recursos que uma área oferece. Caso essa área disponha de focos atrativos, os mesmos podem ser transformados em atividade econômica gerando benefícios e lucros que serão revertidos para a preservação dos recursos disponíveis, bem como da própria população local.

4.6 Etnoturismo

O etnoturismo, ou turismo étnico, é ainda muito recente no Brasil, e tem se voltado principalmente para o turismo em áreas indígenas (BRITO, 2009). É uma modalidade de turismo que se baseia na especificidade étnica, que se reflete principalmente na língua, religião, maneiras da agir, manifestações folclóricas, vestimentas, culinária.

Segundo Bahl (2009) o turismo étnico vincula-se ao turismo cultural, e configura-se como tal quando os atrativos turísticos são oriundos do contexto espacial e do cotidiano de uma comunidade que preserva especificidades culturais. É o caso de Witmarsum, onde o respeito às tradições menonitas resulta em manifestações singulares, que já têm despertado interesse turístico.

5 PERSPECTIVAS DO TURISMO SUSTENTÁVEL EM WITMARSUM

A colônia Witmarsum, obedecendo às antepassadas tradições européias, desde que chegou ao Brasil, manteve a agropecuária como base econômica de sustentação do grupo, embora a prática da pecuária leiteira

possa ser considerada uma atividade adotada em terras brasileiras, diferenciando-a de outras colônias menonitas, localizadas nos Estados Unidos, Canadá, Paraguai e Argentina, que praticam a agricultura.

Essa mudança na adoção de uma atividade econômica é decorrente do ambiente natural de fixação da colônia. O solo existente na Formação Furnas e no Grupo Itararé, substrato geológico da área de Witmarsum, dificultou a prática agrícola, obrigando os colonos a adaptarem-se a novas condições. Essa adaptação provocou uma sutil transposição cultural, já que novas técnicas tiveram que ser adotadas e novos hábitos e conhecimentos adquiridos. Os menonitas no Brasil são, portanto, únicos.

Com as mudanças econômicas processando-se em âmbito mundial e a concorrência instalando-se no Paraná, tanto em Ponta Grossa quanto em Curitiba, os colonos perceberam a necessidade de começarem a desenvolver outra atividade. Embora o turismo seja incipiente, começa a despontar como alternativa para revitalizar a economia da colônia e ao mesmo tempo, garantir oferta de novos empregos para os jovens menonitas que não se interessam pela pecuária ou não conseguem vaga para esse tipo de trabalho.

Witmarsum tem como atrativos turísticos, áreas de interesse geológico, histórico, rural e étnico. Para gerenciar esses patrimônios, e, tendo por base o relacionamento mantido pelos menonitas com a terra, a preocupação com a preservação se faz evidente.

Adotando o conceito de desenvolvimento sustentável, a Organização Mundial de Turismo (OMT) elaborou a Agenda 21 para Viagens e Turismo, baseada na Agenda 21 da Conferência da Terra de 1992, realizada no Rio de Janeiro, tendo 182 países participantes e preocupados com a preservação ambiental.

De acordo com o Guia de Desenvolvimento do Turismo Sustentável (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO, 2003, p. 25), a Agenda 21 para Viagens e Turismo estabelece o seguinte:

- 1) Para os departamentos governamentais, as associações nacionais de turismo e as organizações comerciais representativas, o objetivo principal é estabelecer sistemas e procedimentos para incorporar as considerações sobre o desenvolvimento sustentável ao centro do processo de tomada de decisão e identificar as ações necessárias à criação do turismo sustentável.
- 2) Para as empresas, o objetivo principal é estabelecer sistemas e procedimentos para incorporar as questões do desenvolvimento sustentável, como parte da função gerencial central, e identificar as ações necessárias à criação do turismo sustentável.

Esse documento estabelece áreas e ações prioritárias para a adoção do turismo sustentável. A Prioridade IV diz respeito ao planejamento da atividade turística, e, como é intenção da colônia Witmarsum adotar práticas conservacionistas e garantir a participação da população local no gerenciamento das atividades desenvolvidas, esse documento possibilita a adequação de ações que viabilizem o aproveitamento dos recursos disponíveis no local.

O turismo pode ser uma importante fonte de renda se planejado de acordo com as exigências e necessidades da área que está colocando em prática essa atividade econômica. Não obstante, sem o planejamento adequado ele pode trazer consequências negativas tanto para o meio ambiente quanto para a cultura anfitriã.

O Guia de Desenvolvimento do Turismo Sustentável (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO, 2003) instrui quanto à avaliação de uma área para transformá-la em local de atração turística. O resultado dessa avaliação indica qual é o tipo adequado de turismo a ser adotado. As possibilidades são:

- 1) Atrativos relacionados à natureza e ao ecoturismo;
- 2) Atrativos relacionados ao patrimônio cultural;
- 3) Atrativos relacionados a atividades artísticas (dança, música, teatro etc.);

- 4) Atrativos relacionados a atividades econômicas;
- 5) Atrativos relacionados à urbanização;
- 6) Atrativos relacionados à paisagem rural;
- 7) Atrativos relacionados ao tratamento médico em fontes termais;
- 8) Atrativos relacionados a instituições científicas e educacionais;
- 9) Atrativos relacionados a locais religiosos;
- 10) Atrativos relacionados à qualidade ambiental.

Ao serem analisadas as potencialidades de Witmarsum, observa-se que a colônia pode desenvolver o ecoturismo, o turismo cultural (“ecocultura”) e o turismo rural. A justificativa para o desenvolvimento dessas atividades encontra-se no patrimônio natural e cultural presentes na colônia. O ecoturismo pode ser empreendido com a visita ao pavimento estriado, que já é reconhecido como monumento geológico; às grutas que possibilitam o turismo de aventura; com a observação e contato com os Campos Gerais, vegetação nativa que guarda uma riqueza muito grande de biodiversidade e endemismo; e com o estudo da Formação Furnas e Grupo Itararé que aparecem em vários afloramentos.

O turismo cultural e étnico é extremamente rico ao possibilitar o contato com a cultura menonita que preserva seus hábitos e costumes ao longo dos séculos. Conhecer-los implica em um acréscimo de informações que somente a diversidade cultural do Brasil possibilita. A história do povo russo-alemão é mantida na colônia não só através da língua como também das crenças e da ética moral religiosa. O turista ao chegar a Witmarsum é recebido com todo o histórico de formação da colônia e, principalmente, sobre a formação da própria cultura menonita que é considerada o elo entre os moradores, é o sustentáculo que os une e os mantém coesos.

O turismo rural já é praticado no Bauernhaus (fazenda que se dedica a receber visitantes) que oferece oportunidade para a estada em uma casa de fazenda menonita com a apreensão do processo de trabalho desenvolvido na propriedade. Nesse local, o turista tem a possibilidade de conhecer toda a rotina de uma fazenda pecuarista encravada na

colônia.

Pelo levantamento realizado, é possível inferir que o turismo sustentável já está sendo praticado em Witmarsum, embora seja ainda incipiente em termos econômicos. Os colonos têm consciência que, mesmo bem desenvolvida, a atividade turística deverá propiciar um complemento econômico, não substituindo a pecuária leiteira como atividade principal.

6 OUTROS ATRATIVOS TURÍSTICOS EM WITMARSUM

A preocupação crescente com o meio ambiente tem despertado, no mundo e no Brasil, a criação de vários trabalhos cuja ênfase está voltada para o cuidado com a preservação e conservação. Foi nesse contexto que surgiu o Projeto Caminhos Geológicos. Esse trabalho foi desenvolvido por Mansur e Erthal (2003) e objetivava listar todas as áreas de Patrimônio Natural do Rio de Janeiro. Através dessa listagem foram confeccionados placas e painéis explicativos contendo a história geológica dos locais selecionados.

O objetivo desse projeto consiste em “popularizar” as Geociências, tornando-as acessíveis ao público em geral, despertar a conscientização para a preservação e conservação ambiental, atrair turistas para os locais patrimoniados e ampliar as áreas de tombamento. Os autores o expressam salientando que se deve:

- a) reconhecer e preservar os monumentos geológicos do Estado;
- b) divulgar o conhecimento geológico entre as comunidades e também para profissionais e cidadãos em geral;
- c) incentivar o desenvolvimento sócio-econômico relacionado com a geologia; fortalecer o potencial turístico das regiões, criando novos circuitos de visita a partir de uma proposta ecológica, científica e cultural (SCHMITT et al., 2004, p. 3).

A avaliação dos resultados tem sido positiva por parte de seus autores, ao considerarem que atualmente, através de parcerias, foram ampliadas as áreas divulgadas

de monumentos e patrimônios no Rio de Janeiro e o interesse por parte da população para conhecer e visitar os locais aumentou.

A idéia do Projeto Caminhos Geológicos estendeu-se para outros estados, tanto que, em setembro de 2003, a Mineropar – Minerais do Paraná S.A. – inaugurou a primeira placa do Projeto Sítios Geológicos e Paleontológicos do Paraná, localizada justamente em Witmarsum. O pavimento estriado configura-se como um importante monumento a ser estudado e conhecido, não só por pesquisadores como também pela população leiga interessada.

A iniciativa da Mineropar seguiu os mesmos passos desenvolvidos no Rio de Janeiro e procurou destacar através de placas e indicações, a localização do pavimento e os processos geológicos formadores das estrias.

A Figura 2 mostra como essas placas e indicações foram colocadas, sendo que sua finalidade primordial é ao mesmo tempo, despertar o interesse pelo conhecimento do monumento e informar ao visitante o caminho para se chegar até ele.

Apesar de, sob o aspecto natural, as estrias glaciais serem hoje a atração de maior destaque da Colônia Witmarsum, outros locais podem ser viabilizados para a prática do turismo sustentável. Próximo à Pousada Siebert, há uma seqüência de três grutas que já estão sendo procuradas para o turismo de aventura. Elas se localizam em meio à vegetação nativa de campos, entremeada de vegetação invasora, com ocorrência de afloramentos rochosos da Formação Furnas. A visitação é feita através de guia local, mediante agendamento. A entrada dessas grutas requer um pouco de esforço por parte do turista, mas em virtude da pequena visitação e da dificuldade de acesso, por ser área conhecida particularmente pelos moradores locais, garantiu certa intocabilidade, apresentando-se com pouca alteração impactante. No caminho até as grutas, é possível observar ao longo das trilhas, afloramentos da Formação Furnas com a instalação de processo erosivo dando origem a um relevo ruiforme e trechos do Rio Cancela, que além de representar um aspecto do patrimônio natural da colônia, mantém uma

importante relação com a história e identidade do lugar e sua população, representando um marco de crescimento econômico da comunidade menonita.

Além das paisagens naturais existentes em Witmarsum, a história de formação da colônia e do povo menonita são atrativos interessantes para os turistas que buscam o local. Junto ao turismo sustentável é possível ser desenvolvida na área a “ecocultura”, proporcionando ao visitante um enriquecimento muito grande em relação ao passado de um povo que fincou raízes no Brasil e que procura sobreviver culturalmente preservando os seus costumes e hábitos. Toda a trajetória do povo menonita pode ser encontrada no Museu Histórico da colônia.

O Bauernhaus (Casa do Agricultor) oferece a prática do turismo rural em que o visitante é levado a percorrer uma trilha na qual ele tem acesso ao procedimento de funcionamento da fazenda e ao modo de trabalho do povo menonita. As fazendas da colônia dedicam-se à criação de gado leiteiro e à produção de alimentos para a subsistência. Na visita do turista em Bauernhaus, além de entrar em contato com a forma de trabalhar peculiar dos alemães, é possível almoçar no restaurante que a fazenda oferece, com comidas típicas.

No final do mês de julho, a cada dois anos, ocorre em Witmarsum a Exposição de Gado Leiteiro, promovida pela Cooperativa e pela Associação dos Moradores. Essa feira proporciona, além da exposição do gado e a venda de reprodutores, a mostra do artesanato e da cultura local. Os moradores oferecem para o público desde comida típica até roupas. A decoração do salão onde a festa é realizada é feita em estilo alemão com utensílios de uso dos menonitas. As pessoas que trabalham no local se apresentam em trajes que eram utilizados por eles enquanto viviam na Rússia. A Figura 5 mostra imagens do artesanato local, que também pode ser adquirido através de uma loja com exposição artesanal permanente.

7 CONCLUSÕES

A Colônia Witmarsum vive hoje um

dilema: ou abre-se para o turismo com o incentivo à criação de novas probabilidades de emprego e de arrecadação e põe em risco a cultura e tradição locais, ou mantém-se fechada e isolada e corre o risco de desfazer-se enquanto grupo étnico-religioso-cultural, por não garantir a permanência de jovens, que desmotivados para a pecuária ou sem perspectiva de garantia de renda, podem iniciar um processo de transposição cultural e assimilação do “estrangeiro”, como disserta Giddens (1989).

A preocupação dos menonitas para com a coesão da comunidade é gerada pelo desconforto econômico devido à concorrência e, também, pelo aumento populacional. O aumento do número de herdeiros e de habitantes requer a conquista de novos espaços para abrigar a população crescente. Parte desse problema foi solucionado com a aquisição de novas terras. É Dück (2005) que nos informa da “compra em 1980 de uma área de 494 hectares a 35 km da colônia, chamada de Colônia Primavera. Em 1990 outra área é adquirida a 32 km de Witmarsum e denominada Sinuelo”. Ambas são administradas pela Cooperativa, visto que é essa instituição que trata dos interesses econômicos em comum de todos os colonos associados.

Desde a saída da Rússia em 1930, o grupo que migrou para o Brasil conseguiu manter-se unido e dar cabo do objetivo a que se propôs: construir uma comunidade nos moldes propostos pelo líder religioso Menno Simons, no século XVI.

Dück (2005) afirma que a comunidade de Witmarsum vivenciou dificuldades econômicas, tensões e conflitos internos, que poderiam ter desfeito a própria colônia. Nesse contexto pode-se comprovar a afirmação dessa autora através da constatação das restrições econômicas impostas à agropecuária e da existência de dois troncos religiosos preconizados pelas duas igrejas menonitas. Não obstante, a comunidade continua existindo.

O contato com os colonos possibilitou a comprovação de que a razão pela qual a colônia se mantém é a valorização das três instituições que são consideradas de extrema importância para os menonitas: a igreja, a cooperativa e a escola. Entretanto, eles concordam que a sobrevivência econômica da colônia depende da viabilização de novas atividades que complementem a renda advinda da agropecuária.

De acordo com as diretrizes acordadas pelos países que participaram da Conferência Geral das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, Witmarsum não se encaixa dentro do perfil exigido para a criação de um Geoparque, visto que não possui um território de grande extensão, mas pode ser um geotopo de um geoparque: o dos Campos Gerais. Além disso, é viável a implantação de atividades de turismo sustentável, já que a colônia possui tanto atrativos naturais quanto culturais.

Considerando que existe em Witmarsum, por parte dos colonos, uma preocupação com a conservação do ambiente, por ser este a base sólida da



Figura 5: Artesanato na Colônia Witmarsum: A) moradora realizando trabalho de fiação para confecção de vestuário; B) loja de venda de produtos artesanais.

integração cultural secular do grupo, um empreendimento ecoturístico adapta-se bem aos seus anseios. Discorrendo sobre o conceito aceito por Hetzer (1965 apud HONEY, 1999); UNESCO, 1972); Miller (1978 apud HONEY, 1999); Ceballos-Lascurain (1983 apud HONEY, 1999); Budowski (1990 apud SOIFER, 2005) e a própria Honey (1999), de que o ecoturismo envolve meio ambiente, áreas culturais e turismo realizado em pequenos grupos, a colônia ao mesmo tempo em que pode controlar a entrada e saída de turistas, tem como monitorá-los por se apresentarem em números reduzidos. Seguindo ainda as orientações dos autores e instituições mencionados acima, é aconselhável que as visitas e a atividade turística sejam gerenciadas por habitantes locais. Esta é outra proposta que agrada aos menonitas, já que eles, melhor do que ninguém, conhecem o ambiente no qual estão inseridos. Qualquer turista ao chegar a Witmarsum é recepcionado no Museu Histórico através de moradores que narram com o maior entusiasmo a saga do grupo desde a Rússia até o Paraná. O que ainda não é controlado em Witmarsum é o momento em que os turistas irão chegar, pois a colônia ainda não sistematizou a atividade turística dentro de padrões organizacionais. Além do mais, pela própria estrutura do povoado, o grupo não permite que empreendedores de fora atuem economicamente de forma autônoma, a gestão dos recursos seguramente permanecerá nas mãos de locais.

É indiscutível a capacidade desse grupo de organizar-se coletivamente em prol de um objetivo comum. Considerando a situação em que chegaram ao Brasil, com quase todos os bens perdidos na Revolução Russa, e observando a situação sócio-econômica da colônia hoje, percebe-se a destreza empreendedora e calculada de acumular capital e garantir, se não a riqueza, pelo menos a sobrevivência adequada da comunidade como um todo.

O ecoturismo ao ser implantado em Witmarsum, de forma lenta e gradual como tem ocorrido, está garantindo a adequação das propostas daqueles que consideram que o

turismo tem de ser de qualidade.

Soifer (2005), ao analisar o perfil do ecoturista, acredita que ele tenha bom padrão de vida e quando se desloca para áreas naturais e culturais distintas, não está à procura daquilo que já é de seu cotidiano, pelo contrário, ele quer explorar ao máximo a natureza e a cultura anfitriã. Por este motivo, os guias mais indicados são aqueles que conhecem o local por conviverem nele. Está é mais uma orientação que agrada o colono de Witmarsum, ou seja, que o turista conheça os menonitas por eles mesmos, sem o risco de um conceito deturpado da história e da cultura grupal.

A cultura é dinâmica, é cíclica, é transposicional. Faz parte do processo cultural a interação entre os grupos. Quando um grupo de pessoas desloca-se pelo espaço, constrói a sua comunidade em um outro ambiente e entra em contato com outros grupos, passa a desenvolver uma cultura de transposição, em que hábitos são repassados e adquiridos. O contato entre colonos e turistas inevitavelmente redundará em troca de experiências que pode gerar influências de ambos os lados. Mas mesmo que ocorra algum tipo de mudança no padrão comportamental menonita, isso poderá não representar perda de identidade cultural, mas acréscimo e enriquecimento.

Existe uma preocupação dos habitantes mais tradicionais de Witmarsum de coibir o intercâmbio cultural, como por exemplo, limitando o casamento entre moradores da colônia com pessoas de fora. Nas últimas décadas, segundo informações passadas por dirigentes locais, ocorreu um aumento de brasileiras que buscavam a colônia para se casarem com os menonitas, por estes apresentarem um nível econômico mais elevado em relação às comunidades regionais. Apesar dos colonos mais jovens optarem pelas brasileiras, esta prática tem sido dificultada e desaconselhada pelos mais velhos.

Não se pode deduzir que a tendência da cultura menonita no Brasil seja desaparecer, ainda mais tendo o turismo como possível causa desse desaparecimento. As adaptações culturais existem, e isso faz parte da própria

dinâmica cultural, mas os resquícios de culturas antepassadas permanecem garantindo que hábitos e costumes se manifestem.

O Brasil é constitucionalmente tolerante com todas as culturas que aqui hoje coexistem, mas como o intercâmbio é facilitado pelos meios de comunicação e de unidade nacional, nenhum grupo permanece incólume a esse contato, tanto é que os menonitas brasileiros apresentam características diferenciadas de outros lugares. Conforme eles mesmos dizem, são mais liberais e tolerantes em certos assuntos do que os que se encontram em outros países. Não serão encontrados em Witmarsum traços dos *Amich* que vivem nos Estados Unidos, mas será encontrada uma comunidade que valoriza e preserva os seus valores sem cair no radicalismo. Se até agora conseguiram administrar a convivência com outras comunidades, preservando os traços mais marcantes da cultura tradicional, é de se esperar que esta postura seja mantida em relação ao turismo, não ocorrendo a perda de identidade cultural.

O TIES defende que o programa ecoturístico conte principalmente com a conscientização tanto do visitante quanto dos moradores locais através da educação conservacionista. Fala-se, inclusive, na elaboração de cartilhas que indiquem às pessoas procedimentos adequados em relação ao meio ambiente e ao contato cultural. Como o objetivo da colônia é adotar um turismo sustentável, a preservação não será deixada de lado.

Entre os moradores que têm adotado a prática turística há aqueles que não conhecem teoricamente meios de preservação e conservação, mas eles têm procurado informações a respeito e mostram-se muito interessados em qualquer proposta que procure auxiliá-los.

No início da formação da colônia a preocupação crucial era garantir o estabelecimento de uma área que abrigasse o contingente de pessoas que havia imigrado para o Brasil. Práticas foram adotadas sem que houvesse um planejamento ambiental, mas na década de 1950 essa preocupação não era

comum em nenhum lugar do mundo, refletindo, portanto, uma tendência global.

O impacto que o turismo irá provocar poderá ser medido a partir do momento que essa prática for adotada de forma mais ostensiva. Os dados ainda não são reveladores porque eles ainda não existem, mas mediante a postura assumida pelos colonos, deduz-se que as consequências impactantes serão administradas de forma a serem as menores possíveis.

A preocupação de preservação despertada pelos moradores é com o espaço da colônia como um todo. Há reivindicações por parte de alguns no sentido de maiores esclarecimentos sobre o monumento geológico existente em Witmarsum. O presidente da Associação de Moradores solicitou à Universidade Federal do Paraná, um documento que sintetize de forma simples, o processo de formação das estrias glaciais de modo que possa ser repassado aos moradores, para que estes tenham conhecimento e interesse pelo local. Essa atitude revela uma preocupação em preparar as pessoas para elucidações junto aos turistas, mas denota também, a intenção de garantir a preservação do monumento e das demais áreas naturais.

Dada a importância geológica de Witmarsum, a preocupação de preservação não deveria ser uma responsabilidade apenas da colônia, mas de toda uma coletividade, científica ou não.

O planeta conta a sua própria história, os humanos tentam decodificá-la. Um patrimônio natural ou cultural é um legado da humanidade. Se ele permanece confinado a uma determinada fronteira não significa que ele é restrito a ela. É um direito inalienável das pessoas terem acesso através da visitação e do turismo responsável, bem como é um dever de qualquer ser humano preservar um patrimônio que a natureza construiu, em qualquer lugar que ele esteja.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, B. D. S. Anabatistas: uma proposta religiosa de revolução social. **Revista**

Teoria Pol. Soc., Salvador, v.1, n. 2, p. 185-199, 2004.

BAHL, M. Dimensão cultural do turismo étnico. In: PANOSSO NETO, A.; ANSARAH, M. (Ed.). **Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2009.

BIGARELLA, J. J. Meio natural. In: BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P. **Campos gerais: estruturas agrárias**. Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1968.

BIGARELLA, J. J.; SALAMUNI, R.; FUCK, R. A. Striated surfaces and related features developed by Gondwana ice sheets (State of Paraná, Brazil). **Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology**, Amsterdam, v. 3, p. 265-276, 1967.

BOGGIANI, P. C. **Geoparque para a Serra da Bodoquena e região**. Disponível em: <www.portalbonito.com.br>. Acesso em: 10 out. 2007.

BRITO, T. M. **Turismo e povos indígenas**. Anuário da Produção Acadêmica Docente, Centro Universitário Íbero-Americano, v. 3, n. 4, p. 23-36, 2009. Disponível em: <<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/a-nudo/article/viewFile/999/713>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

COHEN, E. Pilgrimage and tourism: convergence and divergence. In: MORINIS, A. (Ed.). **Sacred journeys: the anthropology of pilgrimage**. Westport: Greenwood, 1992.

DITZEL, C. H. M.; LAMB, R. E. Ocupação dos Campos Gerais. **Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais**. Disponível em: <http://www.uepg.br/dicion/verbetes/a-m/campos_gerais_ocupacao.htm>. Acesso em: 25 jun. 2006.

DÜCK, E. S. **Witmarsum, uma comunidade trilingue: plautdietsch, hochdeutsch e português**. Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 2005.

FUCK, R. A. Nota explicativa da folha geológica de Quero-Quero. **Boletim da Universidade Federal do Paraná (Geologia)**, Curitiba, v. 19, p. 1-21, 1966.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GRABURN, N. Tourism: the sacred journey. In: SMITH, V. (Ed.). **Hosts and guests**. 2nd ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

GUIMARÃES, G. B. et al. Campos Gerais Geopark, Paraná State, Southern Brazil: an aspiring member of the Geopark community. In: INTERNATIONAL UNESCO

CONFERENCE ON GEOPARKS, 3rd., 2008, Osnabrück-Alemanha. **Proceedings...** Osnabrück: UNESCO, 2008. p. 46-47.

HONEY, M. **Ecotourism and sustainable development: who owns paradise?** Washington: Island Press, 1999.

HOSE, T. A. Geotourism – Selling the Earth to Europe in Marinos. In: KOUKIS, P. G.; TSIMBAOS, G. C.; STOURNAS, G. C. (Ed.). **Engineering geology and the environment**. Rotterdam: Balkema, 1997.

MANSUR, K.L.; ERTHAL, F. Preservação do patrimônio natural: desdobramentos do projeto Caminhos Geológicos. In: SIMPÓSIO DE GEOLOGIA DO SUDESTE, 8., 2003, Águas de São Pedro, **Anais...** Águas de São Pedro: Sociedade Brasileira de Geologia, 2003. p. 253.

MINICH, H. Organização religiosa. In: BALHANA, A. P. **Campos gerais: estruturas agrárias**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1968. p.153 – 176. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PAULS JÚNIOR, P. **Mennoniten in Brasilien**. Palmeira: Selbstverlag, 1980.
ROBINSON, M.; PICARD, D. **Tourism: culture and sustainable development**. Paris: UNESCO, 2006.

SAHR, W. D.; LÖWEN-SAHR, C. L. Menonitas brasileiros às margens do mundo nacional: um estudo de geografia social e cultural. **Ra´ega**, Curitiba, n. 4, p. 61-84, 2000.

SCHMITT, R. S.; TUPINAMBÁ, M.; VALERIANO, C.; RAGATKY, D.; MANSUR, K.L. Projeto Caminhos Geológicos. Divulgação Científica dos Monumentos Geológicos do Estado do Rio de Janeiro. In Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte. 12 a 15 de Setembro de 2004. p. 1-8.

SOIFER, J. **Empreender turismo e ecoturismo**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

TROSDTORF JÚNIOR, I. **Geologia glacial permo-carbonífera (Subgrupo Itararé) no flanco sul do arco de Ponta Grossa, PR**. 2002. 144 f. Dissertação (Mestrado em Geologia Sedimentar)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Convenção para proteção do patrimônio cultural e natural**. Paris, 1972.

_____. **Global Geoparks Network: Guidelines and Criteria for National Geopark's seeking UNESCO's assistance to join the Global Geoparks Network** (June 2008), 10 p. 1998. Disponível em: <<http://www.unesco.org/science/earth/geoparks/2008guidelinesJuneendorsed.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2009.

VESELY, F. F.; ASSINE, M. L. Superfícies estriadas em arenitos do grupo Itararé produzidos por gelo flutuante: sudeste do estado do Paraná. **Revista Brasileira de**

Geociências, Curitiba, v. 32, p. 587-594, 2002.

Data de submissão: 05.10.2010

Data de aceite: 10.02.2012